

A ESPERANÇA CRISTÃ DA RESSURREIÇÃO

TEXTO ÁUREO: *“Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens. Mas agora Cristo ressuscitou dentre os mortos, e foi feito as primícias dos que dormem”* (1 Co 15.19-20).

LEITURA BÍBLICA: 1 CORÍNTIOS 15.12-23

INTRODUÇÃO

Aproximamo-nos do final da primeira carta de Paulo aos coríntios. Depois de tratar de vários assuntos de ordem moral e prática que afetavam e comprometiam a fé desses irmãos, o apóstolo traz à tona a questão doutrinária da ressurreição dos mortos. A importância dessa doutrina é tão grande e fundamental para a fé cristã que, sem ela, não pode haver esperança de salvação, nem uma base sólida para consolação e incentivo para prosseguirmos na caminhada firmes e constantes.

I – A CERTEZA DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO (VV. 1-11)

Paulo havia pregado aos coríntios o mesmo evangelho que pregava em toda a parte, e que antes dele os primeiros apóstolos também pregavam: “Primeiramente vos entreguei o que também recebi” (v.2). Por isso ele começa confirmando, ou enfatizando este evangelho, nas suas verdades fundamentais, dentre as quais a da ressurreição do Senhor Jesus. O evangelho era poderoso para salvar os crentes coríntios, desde que o retivessem tal como haviam recebido; do contrário, a fé em um evangelho sem a ressurreição se mostraria inútil e ineficaz.

Que Cristo ressuscitou dos mortos é um fato não apenas predito pelos profetas nas Escrituras, mas cumpriu-se de tal modo que completa e dá sentido a todos os eventos anteriores relacionados à paixão de nosso Senhor: “Cristo morreu por nossos pecados... e foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia” (vv. 3-4). Além disso, a ressurreição de Cristo foi confirmada pelo relato de muitas testemunhas oculares, que tanto O viram morrer como também, quando Ele se lhes apresentou vivo, souberam tratar-se do Salvador ressuscitado. Dentre estes, não apenas aqueles que desde o princípio do Seu ministério O seguiram, mas também muitos discípulos que não são citados por nome nos evangelhos, que inclusive podiam ser consultados no tempo em que Paulo escrevia isto aos coríntios.

Por último, embora se considerasse indigno, em si mesmo, de ser chamado apóstolo, ele apresenta o seu próprio testemunho da ressurreição de Cristo (At 9) como não sendo de pouca importância, pois sabia que a graça de Deus havia operado eficaz e misericordiosamente para com ele: “a sua graça para comigo não foi vã” (v. 10). Portanto, esse era um tema conhecido por todos os cristãos, e o que Paulo havia pregado aos coríntios a esse respeito não era diferente do que pregavam os demais apóstolos. “Então, seja eu ou sejam eles, assim pregamos e assim haveis crido” (v. 11).

II – A CERTEZA DA RESSURREIÇÃO DOS MORTOS (VV. 12-34)

A partir do fato da ressurreição de Cristo, o apóstolo argumenta contra alguns dentre os coríntios que não criam ou rejeitavam a ressurreição dos mortos. Já notamos que, dentre as más influências da cidade sobre a igreja de Corinto, estava a da filosofia grega, que negava a possibilidade de ressurreição (cf. At 17.30-32). Embora esses irmãos negassem a ressurreição dos mortos de um modo geral, parece que não negavam a ressurreição do próprio Senhor Jesus, pois haviam aprendido isto muito bem com o apóstolo. Contudo, para conscientizá-los de que a sua opinião a respeito do assunto era muito grave, o apóstolo raciocina e chega à seguinte conclusão: “Se não há ressurreição de mortos, também Cristo não ressuscitou” (v. 13). E as consequências dessa hipótese seriam ainda piores: “É vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé” (v. 14), “somos também considerados como falsas testemunhas de Deus” (v. 15), “ainda permanecéis nos vossos pecados” (v. 17) e “também os que dormiram em Cristo estão perdidos” (v. 18). E tudo isto faria do evangelho uma mensagem inútil, e a fé cristã seria uma religião completamente despropositada, tornando a vida dos homens ainda mais dura e miserável do que já é: “Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens” (v. 19).

Mas, ao invés de partir de uma opinião equivocada, como esses coríntios faziam, o apóstolo parte do fato inegável da ressurreição de Cristo para chegar à seguinte conclusão: “Cristo ressuscitou dentre os mortos, e foi feito as primícias dos que dormem” (v. 20), ou seja, Ele

ressuscitou como o primeiro de uma multidão de fiéis que, depois de mortos, também hão de ressuscitar. Paulo explica ainda que a ressurreição dos mortos a partir da ressurreição de Cristo corresponde, analogamente, à morte de todos os homens a partir da queda ou do pecado do primeiro homem, Adão: “Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo” (v. 22). Mas, se a ressurreição de Cristo é um fato indiscutível e confirmado, a ressurreição dos mortos é uma realidade a se esperar para o futuro: “Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda” (v.23). Isto faz da ressurreição o desfecho de toda a obra de Deus para salvar os homens, quando a oposição ao Seu reino representada pela própria morte (v. 26), sob a qual os fiéis ainda estão sujeitos, receberá o golpe final através da sua ressurreição.

Voltando-se novamente para os que negavam a ressurreição dos mortos, mesmo tendo já apresentado uma argumentação doutrinária tão precisa e esclarecedora, Paulo faz menção a alguns fatos da própria experiência cristã que seriam completamente desarrazoados, se não houvesse esperança de ressurreição. Era por causa da ressurreição, por exemplo, que Paulo dispunha de sua própria paz e segurança neste mundo, inclusive da própria vida, aceitando sofrer perseguições e correr o risco de morte pelo nome de Jesus. Se não houvesse ressurreição, o que mais deveríamos temer seria a morte, pois com ela tudo se acabaria, inclusive nosso relacionamento com Cristo; e deveríamos nos esforçar para aproveitar ao máximo cada momento da vida, “porque amanhã morreremos” (v. 32). Por isso o apóstolo alerta os coríntios não dessem ouvidos aos que propagavam suas próprias opiniões com respeito à ressurreição: “Não vos enganéis: as más conversações corrompem os bons costumes” (v. 33).

III – A NATUREZA DA RESSURREIÇÃO (VV. 35-58)

Paulo admite agora uma objeção que poderia ser levantada contra a ressurreição dos mortos, com o propósito de esclarecer à igreja de Corinto a natureza dessa obra sobrenatural: “Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão?” (v. 35). Talvez iludidos pela falsa ciência e razão dos filósofos, não admitindo ser possível que o corpo natural pudesse tornar-se espiritual e imortal, esses questionadores não percebiam, como demonstra o apóstolo, que a própria natureza apresentava paralelos com a ressurreição: o grão semeado que não aparenta a planta em que há de se tornar (vv. 36-38); os animais e minerais, que possuem corpos diferentes uns dos outros (vv. 39-41). Se Deus fez assim com a criação natural, por que não poderia fazê-lo com a criação espiritual, dando aos crentes ressurretos o corpo apropriado para a glória celestial?

A seguir, ele explica em que o corpo natural, presente, em que, à semelhança da semente, é “semeado” na morte, difere do corpo espiritual, futuro, no qual seremos ressuscitados. O primeiro caracteriza-se pela corrupção que, desde a queda, com a entrada do pecado no mundo, apoderou-se de toda a criação: “corrupção”, “ignomínia”, “fraqueza”, são as palavras que usa para descrevê-lo. O segundo contrasta com o primeiro, pois é “incorruptão”, “glória” e “vigor” (vv. 42-44). Em outra comparação, o primeiro corresponde ao homem caído, Adão, e limita-se a esta existência e natureza, sendo propriamente chamado de “natural”, ou “animal”; o segundo corresponde ao último Adão, o homem celestial, Cristo Jesus, e é apto para a vida eterna, para entrar no céu – por isso também chamado de corpo “espiritual” (vv. 45-49).

Paulo conclui dizendo que a ressurreição é tão necessária para a transformação dos nossos corpos, que mesmo aqueles que estiverem vivos por ocasião da vinda do Senhor também serão transformados pelo poder glorioso que ressuscitará os que estiverem dormindo em Cristo: “Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados” (v. 51). E, mediante a grande consolação que esta esperança traz a todo cristão, ele termina exortando os coríntios à perseverança (v. 58).

CONCLUSÃO

Confessemos e também retenhamos uma firme esperança na ressurreição dos mortos, pois é aí que veremos todos os nossos esforços e combates travados nesta vida serem recompensados e todas as nossas fraquezas e limitações trocadas por poder e vida abundante.

Observação: Esta Lição pertence a Escola Bíblica Dominical.